

## LINGUAGEM, MÁTHEMA E PHRÓNESIS

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

[luiz@uft.edu.br](mailto:luiz@uft.edu.br)

### RESUMO

Este trabalho discute a linguagem, relacionando-a às suas manifestações lexicais concernentes ao aprender e ao conhecer, partindo de vocábulos gregos: *tékhne*, *epistéme*, *phrónesis*, *máthema* e *alétheia*. Seu referencial teórico é oriundo da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e de Paul Ricoeur, além da semiótica de Jean-Claude Coquet, considerando ainda os jogos de linguagem de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein. Trata-se obviamente de pesquisa bibliográfica, cujo escopo principal é a demonstração da necessidade dos atos de aprender e de buscar o bem como fundamentos conjuntos do desabrochar lógico do indivíduo. Destarte, a ética, a estética e a lógica caminham juntas, em direção ao Bem. A linguagem é, então, compreendida como lugar de operações e de relações que, se éticas, estéticas e lógicas, permitirão que o indivíduo alcance uma argumentação ética, criativa e lógica.

Palavras-chave: Linguagem. Língua portuguesa. Matemática. Operações. Relações.

### 1. Introdução

O homem vive na linguagem, posto que seja “nosso elemento como a água é o elemento dos peixes” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 25). E, sendo assim, a linguagem serve tanto para construir o bem quanto para elaborar o mal no tocante ao esquecimento; não só para fundar o conhecer, mas também para afundar no olvidar.

A partir dessa bipartição, distinguir (apontar) e esquecer (deslembrar), nós podemos discutir formas de conhecimento (*tékhne*, *epistéme*, *phrónesis* e *máthema*, para os gregos), como uma maneira de trabalhar com jogos de linguagem que permitam vislumbrar o ‘Bem’.

### 2. O ‘Bem’ e a linguagem

Para controverter esses conceitos, para chegar à discussão do ‘Bem’, comecemos com sua relação com a linguagem. Destarte, na relação entre linguagem e conhecimento, o primeiro ponto a ser observado é o que diz respeito ao ‘Bem’ compreendido não só como princípio de autopreservação, mas também como princípio de orientação para a vida justa, já que pode ser compreendido como um misto de prazer e de saber (como queriam Platão e Aristóteles). De fato, antes de chegarmos ao co-

nhecimento, como prudência, técnica ou teoria, surge a necessidade antropológica de discutirmos o ‘Bem’, posto que este implique igualmente formas de sabedoria.

Para essa discussão, nosso referencial teórico se orienta para textos de Hans-Georg Gadamer e de Paul Ricoeur, ou seja, para a teoria da interpretação enquanto dimensão ético-artística com implicações práticas. Não podemos nos esquecer que interpretação, em grego, tem a mesma raiz do nome Hermes, cuja função era anunciar a mensagem divina.

O conceito de ‘Bem’ aparece, então, como o Sol, que, ao liberar calor e luz, garante ‘Ser’ e ‘Perceptibilidade’ a tudo o que é visível, o ‘Bem’ existe para nós no dom que é por ele conferido: conhecimento e verdade (GADAMER, 2009, p. 29). Dessa forma, segundo o filósofo alemão, o ‘Bem’ só é percebido indiretamente, sendo impossível reconhecê-lo como um *máthema* (μάθημα: “estudo”, “ciência” – *idem*, p. 30); dessa forma, o ‘Bem’ somente é percebido como conhecimento e verdade.

Logo, se o ‘Bem’ não é reconhecido enquanto *máthema*, surge uma inquietação: que tipo de sabedoria, ou de conhecimento, é aquela implicada pelo *máthema*? Já que o compreendemos como origem de saberes.

Os conceitos principais do conhecimento relacionados ao *máthema* são a *tékhne* e a *epistémē*; dessa forma, o tipo de sabedoria que devemos relacionar com o *máthema* é o saber técnico ou teórico, aquele que, segundo Hans-Georg Gadamer, pode ser esquecido, pode ser perdido.

O contrário é o saber prático – a *phrónesis* (φρόνησις: “pensamento”, “ato da reflexão”, “sentimento”), que não pode ser ocultado ou esquecido; quem o possui, não consegue ocultá-lo. A *phrónesis*, é então a prudência prática, o que é muito diferente da prudência técnico-teorética. A *phrónesis* é a verdadeira *areté* da ação humana, é o ato de pensar – a capacidade de pensar que leva a um fim, daí sua relação com o ‘Bem’.

Podemos, ainda, dissecar a raiz grega de *phrónesis* – *phren* (φρεν: “que leva ao cérebro”), elencando alguns dos vocábulos oriundos dessa raiz tão significativa:

- φρήν: “inteligência”, “espírito”, “prudência”;
- φρον (com alternância vocálica): “pensar”, “sentir”;

- φρονέω: “pensar”, “sentir”;
- φρόνησις: “pensamento”, “ato da reflexão”, “sentimento”;
- φρόνημα: “pensamento”, “objeto da reflexão”, “presunção”;
- φρόνιμος: “refletido”;
- εὐφροσύνη: “alegria”;
- φρων (grau longo): “sábio”, “prudente”, “sensato”;
- ἄφρων: “insensato”;
- ὑπέρφρων: “orgulhoso”;
- φραν (grau zero): “alegrar”, “encantar”;
- εὐφραίνω: “alegrar”, “alegrar-se”;

Considerando esses termos e conceitos e associando-os às linguagens, podemos afirmar que são mais básicos do que os outros apontados no início de nosso trabalho – *epistème* e *tékhne*. De fato, todos esses conheceres e sentires oriundos da raiz φρεν, constituem-se como formas de conhecer e/ou de sentir que não são perdidos ou esquecidos.

Já a gramática e a matemática se constituem realmente como *epistème* e *tékhne*, como formas de conhecimento que permitem o esquecimento, posto estarem calcadas na lógica como formas de conhecimento teórico-técnico. O próprio Dionísio Trácio, autor de uma das primeiras gramáticas do ocidente, autoriza-nos nessa afirmação; uma vez que, tanto no título de sua obra – *Tékhne Grammatiké*, quanto no primeiro parágrafo, quando afirma que gramática é *empeiria*, ele a compreende dessa forma.

Sendo *tékhne*, a gramática pode ser ocultada, o que tem sido feito há muito; daí, a linguagem não ser compreendida como operadora de transformação (COQUET, 2013, p. 184), pois somente com o desocultamente hermenêutico é que seremos capazes de transformar pela linguagem (tanto gramatical quanto matemática).

Já a *phrónesis*, para esses filósofos, não permite o esquecimento; sendo prudência prática, como já dissemos, não pode ser esquecida, constituindo-se da verdade – *alétheia*, para os gregos. Em outras palavras, o discurso oriundo da prudência é aquele que tem sua própria validade, residindo nele verdadeiramente algo da *alétheia*, a saber, “o fato de

não se ter nada a esconder e de não se buscar esconder nada porque nenhuma ignomínia está presa ao nome. A partir daí o nome possui algo de intocável”. (GADAMER, 2007, p. 120)

Na *Ilíada*, Ajax ao despertar de sua *hýbris*, loucura, “joga com o seu próprio nome, então isso se assemelha a um terrível abandono de si próprio”; afinal, o nome guarda algo de dignidade (*idem, ibidem*). Esse tipo de jogo sarcástico ou irônico com os nomes são brincadeiras sem muito gosto (nomear, ou chamar, faz parte da função ostensiva básica).

Quanto a seus componentes, a linguagem verbal, a manifestação escolhida como escopo deste trabalho, organiza-se a partir de frases e de palavras, ou seja, a partir de operações e de relações.

A frase é uma operação; conseqüentemente, nós não a compreendemos como estrutura. Operação é, de fato, um conjunto de meios que se combinam para obter-se um resultado. Na matemática, é uma combinação efetuada nos objetos matemáticos, segundo regras estabelecidas, e que admite um resultado matemático bem determinado. As operações aritméticas fundamentais, a adição, a subtração, a multiplicação e a divisão, são, de fato, operações como o são as frases e as proposições linguísticas. Em relação à língua, digamos ainda que a frase seja tanto combinação quanto arranjo.

Já a palavra é um lugar de relações, sendo uma relação o lugar da correspondência; em matemática, uma relação é uma correspondência existente entre conjuntos não vazios, uma analogia entre fatos ou discursos (conexão), ou uma ligação.

A palavra é, também, uma invariante mental; daí a sua força e a sua dignidade na manutenção do pensar, do *noêin*. Para Merrill B. Hintikka, a linguagem só pode ser observada se estivermos dentro dela, de modo que a interpretemos como uma rede estável de significados, posto ser nosso ambiente social elementar:

Não podemos observar a nossa linguagem como se estivéssemos fora dela e descrevê-la como fazemos com outros objetos passíveis de especificações, alusões, descrições, discussões ou sobre os quais se podem formular teorias. O motivo deste impedimento consiste em que só é possível usar a linguagem para falar de algo quando podemos nos apoiar numa interpretação definida e estabelecida numa rede estável de significados reinantes entre a linguagem e o mundo. (HINTIKKA, 1994, p. 20)

De onde surge a definição ostensiva da linguagem, elucidada impecavelmente por Ludwig Joseph Johann Wittgenstein. As palavras al-

cançam inicialmente, para as crianças pequenas, a sua invariância em função da necessidade de estarmos dentro da linguagem, respirando nela.

Paul Valéry também apontou a existência da relação regular da linguagem com a realidade: “Mostrarei que a linguagem não tem existência senão por sua relação regular com a realidade”. (VALÉRY *apud* COQUET, 2013, p. 189)

O compreender, para o autor, é visto como uma substituição de arranjos: “Compreender é apenas poder substituir um arranjo organizado de ideias preexistentes naquele que compreende por certo grupo descontínuo de palavras”. (VALÉRY *apud* COQUET, p. 188)

Compreender é, então, substituir combinações e arranjos; dessa forma, quando compreendemos, substituímos operações (as operações, como já dissemos, são formas de combinação). E, nessas substituições, o fazer hermenêutico cria deiscência (aberturas), em que espaços cognitivos são transformados, abrindo-se, ou reabrindo-se, para o mundo.

Como Heidegger poderia dizer: de fato, o mundo realmente “munda”; e, nessas “mundanças”, operam-se as deiscências.

Ainda segundo Jean-Claude Coquet (2013, Capítulo III – “O acontecimento da linguagem”), as operações linguísticas de construção frasal são norteadas do contínuo para o descontínuo, no processo de criação textual; e do descontínuo para o contínuo, no processo de recepção. Dessa forma, o texto é um descontínuo descortinado pelo contínuo da leitura (compreensão e interpretação).

A função elementar das frases é, então, a produção de mudanças na configuração das ideias. As frases se constituem como verdadeiros jogos de linguagem tanto para Ludwig Joseph Johann Wittgenstein quanto para Hans-Georg Gadamer; e, por meio do lúdico, atraem, do passado, o símbolo e, do futuro, a expectativa, num jogo sedutor e transformador.

### **3. Considerações finais**

Logo, como operações ou relações – frases ou palavras, a linguagem verbal se constitui como meio de existência para o humano, daí o citado dístico de Aristóteles: “Dentre os animais, somente o homem tem o símbolo”. Somente o homem tem de fato a linguagem simbólica, e, por meio dela, vivemos, respiramos e nos transformamos.

Finalizemos com outra referência a Hans-Georg Gadamer:

Não obstante, se descobrimento e encobrimento são realmente pensados como momentos estruturais do “ser”, se a temporalidade pertence ao ser e não apenas ao ente que guarda o lugar para o ser, então o que distingue o homem continua sendo efetivamente “ser aí”, e, do mesmo modo, o fato de não ser apenas ele mesmo que está em casa na linguagem, mas de o “ser” estar presente na linguagem que falamos uns com os outros. E tudo isso não a partir de uma decisão existencial que também poderia ser deixada de lado, mas porque o ser-aí é decisão, abertura constante para o “aí”. (GADAMER, 2010, p. 29)

Só teremos aberturas (deiscências) para o “aí”, se tivermos decisão, se formos realmente peremptórios; ou seja, precisamos cuidar de nossos pensamentos, como *phrónesis*, como *téknes* e como *epistémes*, principalmente em relação ao ensino de língua portuguesa e de matemática. De fato, é só assim que podemos transformar o mundo; é só assim que o mundo, verdadeiramente, “munda”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COQUET, Jean-Claude. *A busca do sentido*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. *A ideia do bem entre Platão e Aristóteles*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007.

HINTIKKA, Merrill B.; HINTIKKA, Jaakko. *Uma investigação sobre Wittgenstein*. Campinas: Papyrus, 1994.

MARTIN, Fernand. *Les mots grecs*. Paris: Hachette, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Outramente*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.